

# TOPICALIZAÇÃO DO SUJEITO NA FALA POPULAR E CULTA DO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE SANTANA

Lidiane Ferreira Silva (UEFS)<sup>1</sup>

[lidiane.fsilva@yahoo.com.br](mailto:lidiane.fsilva@yahoo.com.br)

Norma Lucia Fernandes de Almeida (UEFS)<sup>2</sup>

[norma.uefs@gmail.com](mailto:norma.uefs@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Feira de Santana começa a crescer a partir de 1950 motivada pela expansão industrial e assim passa a receber pessoas da zona rural do município e de outras regiões do estado e de todo o nordeste brasileiro. Nesse momento, passa a existir uma grande interação entre falantes de diversas variedades rurais e urbanas do português que formaram e estão formando a variedade linguística local. Assim, a cidade começa a ser um núcleo que exerce influência cultural, econômica e provavelmente linguística sobre diversas microrregiões do semi-árido baiano, passando a receber a partir das décadas de 40-60, população flutuante e permanente de indivíduos da microrregião, tornando-se de certa forma aglutinadora de diversos falares e culturas. (ALMEIDA, 2005).

Devido essa variedade linguística local e a presença de fenômenos em processos de mudança há a necessidade de sistematizar e estudar as variantes presentes. Assim, esta pesquisa servirá para analisar a variação de topicalização do sujeito na fala popular e culta desta localidade.

Para a tradição gramatical, que concebe o português como uma língua de ordem Sujeito – Verbo – Objeto (SVO), as construções sintáticas que deslocam o sujeito de sua posição tradicional são enquadradas em seções à parte e conceituadas como figura de linguagem, exemplificadas com base em textos literários. (BELFORD, 2006)

Maurice Dessaintes analisa este tipo de sentença como anacoluto, definindo da seguinte forma: “depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase”. (apud CUNHA; CINTRA, 2007)

Bechara afirma que anacoluto é a quebra da estruturação lógica da oração, e para confirmar sua análise cita Said Ali:

Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as idéias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma coisa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção. (BECHARA, 2001)

Eunice Pontes foi uma das primeiras pesquisadoras a mostrar que muitas das estruturas consideradas como figuras de linguagem pela tradição gramatical são na verdade construções de tópico. Assim, “Pontes demonstra que, no português coloquial,

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

<sup>2</sup> Orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. do Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Estadual de Feira de Santana .

o tópico tem grande importância, dando a impressão de que, no mínimo, a incidência das Construções de Tópico é tão frequente quanto a construção sem tópico". (BELFORD, 2006)

Observaremos esse fenômeno de topicalização do sujeito mais detalhadamente na variante popular e culta do português falado em Feira de Santana, visto que está corrente na língua oral e escrita, aqui nos ateremos apenas na oral, e concorre com as formas padronizadas pela gramática. E também viabilizará dados para comprovar a variação linguística local.

Foi utilizado como suporte metodológico a Teoria Variacionista proposta por William Labov a qual aborda a pesquisa quantitativa e o "pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras". (NARO, apud MOLLICA & BRAGA, 2007).

"A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas". (IDEM)

Para a codificação dos dados foi aplicado o programa VARBRUL que deu a porcentagem dos fenômenos observados.

## 1. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A variável dependente considerada para a realização desta pesquisa foi se a estratégia utilizada era padrão (normativo) ou não padrão. O grupo de fatores utilizado para a análise e codificação dos dados foi dividido em linguístico e extralinguístico. Os fatores linguísticos foram **categoria sintagmática do elemento topicalizado**, Nome, Pronome e Categoria vazia; **ordem variável do sujeito**, SVO e OSV e, a **transitividade do verbo** (Intransitivo, Transitivo e Copulativo). Os fatores extralinguísticos utilizados foram gênero (masculino/ feminino), faixa etária (dividida em três, faixa I, jovens; faixa II, meia idade; e, faixa III, idosos) e escolaridade (analfabeto funcional e culto).

O *corpus* escolhido para desenvolver a pesquisa foi constituído por seis informantes do sexo masculino e seis do sexo feminino com distribuição de duas entrevistas para cada sexo conforme as três faixas etárias para ambas as escolaridades. Esse material coletado pertence ao Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), e se encontra na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) sob os cuidados da professora Dr<sup>a</sup> Norma Lucia Fernandes de Almeida.

Todos os casos foram categoricamente não padrão. Obtivemos, portanto variação em todos os casos analisados.

De acordo com a tabela abaixo o tipo de tópico mais utilizado na fala popular é o *nome* obtendo o resultado de 56% dos casos analisados, enquanto 30% é *categoria vazia* e apenas 13% utiliza-se *pronome*.

| Tipo de tópico | Nome         | Pronome     | Categoria vazia |
|----------------|--------------|-------------|-----------------|
|                | 26/46<br>56% | 6/46<br>13% | 14/46<br>30%    |

Tabela 1: Categoria sintagmática do elemento topicalizado português popular

Segue agora alguns exemplos de cada categoria abordada neste trabalho:

(1) **O pai** as vezes não tem como **ele** ir pô lugar.

(2) **Ele** às veze, **ele** fica quereno fazer tudo qu'eu faço aí...

(3) **São João** foi os três dia eu comeno água direto.

Na fala culta percebemos que houve a mesma quantidade de ocorrências, porém o tipo de topicalização utilizado foi diferente. Na categoria *nome* a porcentagem foi maior, e a *forma pronominal* teve mais casos que a *categoria vazia*.

A tabela abaixo nos mostra as porcentagens:

| Tipo de tópico | Nome         | Pronome     | Categoria vazia |
|----------------|--------------|-------------|-----------------|
|                | 34/46<br>74% | 8/46<br>17% | 4/46<br>9%      |

Tabela 2: Categoria sintagmática do elemento topicalizado português culto

Temos também alguns exemplos dessa modalidade da língua:

(1) **Bolsa pesquisa**, **ela** é uma bolsa um tanto diferenciada.

(2) **Eu**, a partir dos doze **eu** ficava em casa.

(3) **Feira de Santana** eu gosto.

A ordem da frase também foi analisada como fator que favorece à topicalização. Vejamos a tabela a seguir:

| Ordem/tipo de tópico | SVO          | OSV         |
|----------------------|--------------|-------------|
| Nome                 | 24/36<br>67% | 2/10<br>20% |
| Pronome              | 6/36<br>16%  | 0/0         |
| Categoria vazia      | 6/36<br>16%  | 8/10<br>80% |

Tabela 3: ordem variável do sujeito no português popular

Percebemos, portanto, que a forma canônica do sujeito ainda é conservada, 36 ocorrências, mas mesmo assim a ordem OSV foi utilizada por alguns falantes. É notório também que a forma pronominal topicalizada só ocorreu na ordem SVO. Já os outros tipos foram utilizados com menor ocorrência.

No português culto verificamos que quase categoricamente a ordem SVO foi utilizada, com apenas uma ocorrência de OSV em todas as formas de topicalização. Isso se deve ao monitoramento que o falante faz ao conceber a entrevista, pois se tratando de pessoas que têm o ensino superior, estas se polícionam mais. Podemos citar também o trabalho de Pontes em que ela faz sua análise com pessoas do nível superior, porém observa a língua coloquial espontânea no uso diário delas.

A tabela abaixo mostra as ocorrências dessa ordem no português culto:

| Ordem/tipo de tópicos | SVO          | OSV         |
|-----------------------|--------------|-------------|
| Nome                  | 34/45<br>75% | 0           |
| Pronome               | 8/45<br>18%  | 0           |
| Categoria vazia       | 3/45<br>1%   | 1/1<br>100% |

Tabela 4: ordem variável do sujeito no português culto

Tomando agora como referência a transitividade verbal, analisaremos a relação que há com o tipo de verbo e as formas de topicalização. Assim, veremos qual tipo de verbo favorece para estas formas.

| Tópico/ tipo de verbo | Nome         | Pronome    | Categoria vazia |
|-----------------------|--------------|------------|-----------------|
| Transitivo            | 21/35<br>60% | 3/35<br>8% | 11/35<br>31%    |
| Copulativo            | 3/8<br>37%   | 3/8<br>37% | 2/8<br>25%      |
| Intransitivo          | 2/3<br>67%   | 0          | 1/3<br>33%      |

Tabela 5: Topicalização do sujeito de acordo com o tipo de verbo na fala popular

Nesta tabela, considerou-se a quantidade de verbos utilizados no geral da amostra, comparando-se essa quantidade com o tipo de tópico utilizado, ou seja, quantos transitivos foram utilizados com o *nome*, *pronome* e *categoria vazia*. Destas ocorrências, o tópico preferido em todos os tipos de verbo é o *nome* com 60% dos casos para o transitivo, 37% copulativo e 67% intransitivo. De forma que a maior ocorrência foi com o verbo transitivo, 35 casos, seguido do copulativo, oito e por fim o intransitivo com três.

Já no português culto tivemos a mesma proporção que o popular, só que com casos diferentes. Por exemplo, os verbos transitivos foram mais usados totalizando 34 ocorrências, sendo 68% na categoria *nome*, 12% na *categoria vazia* e 2% para *pronomes*.

O verbo copulativo é a segunda opção mais utilizada na fala culta, sabendo que a preferência é pela *forma nominal*, 90%, e a forma *pronominal*, 10%, de sorte que a *categoria vazia* não teve ocorrência. Os verbos intransitivos só foram usados com a categoria *nome* com 100% dos casos.

Temos, portanto, a seguinte tabela:

| Tópico/ tipo de verbo | Nome         | Pronome    | Categoria vazia |
|-----------------------|--------------|------------|-----------------|
| Transitivo            | 23/34<br>68% | 7/34<br>2% | 4/34<br>12%     |

|              |             |             |   |
|--------------|-------------|-------------|---|
|              |             |             |   |
| Copulativo   | 9/10<br>90% | 1/10<br>10% | 0 |
| Intransitivo | 2/2<br>100% | 0           | 0 |

Tabela 6: Topicalização do sujeito de acordo com o tipo de verbo na fala culta

Analisando o fator extralinguístico gênero, percebemos que os homens preferem mais a topicalização do sujeito em relação às mulheres, pois fazendo a análise quantitativa observamos que os homens tiveram 26 casos no total, sendo 46% com *nome*, 42% *categoria vazia* e 11% *pronome*, enquanto as mulheres obtiveram 20 ocorrências, a saber: 70% com *nome*, e 15% com *pronome* e *categoria vazia*.

Assim, visualizamos a seguinte tabela:

| Tipo de tópico/sexo | Nome         | Pronome     | Categoria vazia |
|---------------------|--------------|-------------|-----------------|
| Feminino            | 14/20<br>70% | 3/20<br>15% | 3/20<br>15%     |
| Masculino           | 12/26<br>46% | 3/26<br>11% | 11/26<br>42%    |

Tabela 7: Topicalização conforme gênero/sexo do português popular

Na fala culta os homens também preferem as formas topicalizadas totalizando 28 casos, sabendo que 68% foram utilizados com a categoria *nome* e 18% com *pronome*, e a *categoria vazia* não foi utilizada tanto para os homens quanto para as mulheres. Estas, por sua vez tiveram 18 ocorrências no total distribuídas em 83% na categoria *nome* e 15% na categoria *pronome*, como vemos na tabela abaixo:

| Tipo de tópico/sexo | Nome         | Pronome     | Categoria vazia |
|---------------------|--------------|-------------|-----------------|
| Feminino            | 15/18<br>83% | 3/18<br>17% | 0               |
| Masculino           | 19/28<br>68% | 5/28<br>18% | 0               |

Tabela 8: Topicalização conforme gênero/sexo do português culto

Na tabela abaixo observamos os tipos de topicalização utilizados nas faixas etárias.

| Tipo de tópico/faixa etária | Nome         | Pronome     | Categoria vazia |
|-----------------------------|--------------|-------------|-----------------|
| Faixa 1                     | 7/20<br>35%  | 2/20<br>10% | 11/20<br>55%    |
| Faixa 2                     | 12/16<br>75% | 1/16<br>6%  | 3/16<br>19%     |
| Faixa 3                     | 7/10<br>70%  | 3/10<br>30% | 0               |

Tabela 9: Tipo de tópico segundo faixa etária na fala popular

Observando as ocorrências dentro da mesma faixa etária percebemos que a faixa 1 utilizou mais a topicalização do sujeito, em segundo lugar a faixa 2 e por último a faixa 3. Assim, notamos que os jovens são mais inovadores na fala que os idosos, sendo estes mais conservadores quanto à topicalização, embora ocorra casos na categoria *nome*, 70%, e *pronome*, 30%.

| Tipo de tópico/faixa etária | Nome         | Pronome     | Categoria vazia |
|-----------------------------|--------------|-------------|-----------------|
| Faixa 1                     | 13/24<br>54% | 7/24<br>29% | 4/24<br>17%     |
| Faixa 2                     | 7/7<br>100%  | 0           | 0               |
| Faixa 3                     | 14/15<br>93% | 1/15<br>7%  | 0               |

Tabela 10: Tipo de tópico segundo faixa etária na fala culta

Em relação à fala culta constatamos que também os jovens (faixa 1) são mais inovadores que os demais. Obtivemos os seguintes resultados: faixa 1, 24 casos com maior uso na *forma nominal*, 54%. Faixa 2, 7 dados no total fazendo 100% de ocorrência na categoria *nome*. E, faixa 3, 15 casos divididos entre *nome*, 93%, e *pronome*, 7%.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as Construções de Tópico do sujeito na fala culta e popular da região de Feira de Santana. E, de acordo com os resultados a variação está em processo tanto na fala popular quanto na culta.

Conforme os dados apresentados a variável não padrão obtendo a totalidade das ocorrências tanto pelos falantes cultos quanto os analfabetos funcionais feirenses.

As análises da dimensão social da variação gênero/faixa etária favoreceram ao uso das Construções de Tópico do sujeito na variante feirense nas duas modalidades da língua. Assim, foi predominante a categoria nominal em ambas as modalidades, mostrando maior relevância nos falantes da faixa I do português culto e popular, entre eles, os homens. Enquanto as mulheres e os mais velhos são mais conservadores.

O tipo de verbo que se mostrou mais relevante foi o transitivo, obtendo maior uso com a categoria nominal.

É notório que estas variações de topicalização do sujeito ocorrem desde os séculos XVIII e XIX e se estendem até aos dias de hoje como comprovam pesquisas anteriores e os dados desta pesquisa.

Espera-se, assim, que os resultados obtidos nesta pesquisa contribuam para a sistematização das variações ocorridas em Feira de Santana, especificamente em relação topicalização do sujeito, e que favoreça uma melhor compreensão dos diferentes usos correntes. Mais uma vez, firma-se o caráter heterogêneo presente em todas as línguas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades rurais do interior da Bahia. Tese de doutorado inédita. UNICAMP, 2005.

ARAÚJO, Edivalda. As Construções de Tópico. Apud LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). O Português Afro-Brasileiro. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/repositorio/bitstream/ufba/209/1/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acessado em 10 de setembro de 2010.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BELFORD, Eliaine de Moraes. Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Dissertação de Mestrado em Linguística. Disponível em: [http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/pdf/eliaine\\_%20de\\_morais\\_belford.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/pdf/eliaine_%20de_morais_belford.pdf). Acessado em 10 de setembro de 2010.

BRITO, Alba Verôna. A Natureza V2 das Estruturas de Topicalização do Português Clássico. Disponível em: [http://www.abralin.org/revista/RV6N2/06\\_alba\\_verona.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV6N2/06_alba_verona.pdf). Acessado em 10 de setembro de 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). Gramática do Português Falado. 3. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Construções de Tópico em Português: Uma Abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando (org.). Fotografias Sociolinguísticas. Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. The desing of a sociolinguistic research project. Mysore. India: Central Institute of Indian Languages. May-June, 1972.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERINI, Mário Antônio. Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PONTES, Eunice Souza Lima. O Tópico no Português do Brasil. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

PONTES, Eunice Souza Lima. Sujeito: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática; (Brasília), 1986. (Ensaio; 125).

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2006.